

Derrubados mais 42 barracos

Megaoperação no Parque Ecológico Burle Marx deve continuar hoje de manhã. Campo de futebol e creche também terão que sair de lá

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

O silêncio no Parque Ecológico Burle Marx foi quebrado, de manhã, pelo comboio de carros e máquinas, que fazia a poeira subir. Debaixo das mangueiras, onde floresceu a maioria dos barracos de madeirite, mulheres e crianças de pé no chão e nariz escorrendo apareciam à porta para ver a movimentação. O olhar era de espanto, de desolação.

Ninguém ajeitou a mudança, apesar de o aviso da derrubada ter chegado na sexta-feira (a notificação dava prazo até segunda-feira para abandonarem a área). Como não obedeceram, os fiscais invadiram a mata, com motosserras e pés-de-cabra. Rapidamente, os barracos eram desfeitos. No final da tarde, 42 já estavam no chão. A pá-excavadeira também ajudava, arrancando cercas de arame farpada de chácaras criadas no meio da reserva ecológica.

A Secretaria de Meio Ambiente (Sematec) e o Sistema de Vigilância Integrada do Solo (Sivsolo) montaram uma megaoperação para livrar

o parque ecológico das invasões. A área de 175,46 hectares, entre as quadras 900 da Asa Norte e o futuro Setor Habitacional Noroeste, estava ocupada irregularmente por 71 famílias carentes. Além de cinco chácaras com criação de galinhas, porcos e cavalos; uma creche e um campo de futebol gramado, com holofotes, construído pela Faculdade e Colégio Alvorada.

O governo quer o Parque Ecológico Burle Marx livre das invasões, para torná-lo freqüentável. O projeto está sendo elaborado pelo Instituto de Ecologia do Meio Ambiente (Iema). "Vai se tornar viável, quando começar a construção do Setor Noroeste. Os empresários, conforme determina a lei, terão de destinar recursos para a infra-estrutura do novo parque, que terá trilhas ecológicas e área de lazer", explica o diretor do órgão, Fernando Fonseca.

Todas as invasões serão retiradas, segundo o secretário de Meio Ambiente, Antônio Luiz Barbosa. A creche Ação Social Paula Frassineti, que cuida de 180 crianças carentes, terá prazo maior para deixar o local. Em 1988, a Terracap

autorizou a fixação da creche lá. "Estamos verificando um lugar para onde possa ser removida", explica o secretário. "Um parque ecológico não é lugar."

Mas não será uma negociação fácil. A secretaria da creche, que funciona nos fundos do Colégio Santa Dorotéia, na 911 Norte, afirma que a idéia é permanecer na área. "Tivemos autorização da Terracap para ficar aqui. E estamos nesse lugar desde 1982. Antes mesmo do parque ser criado", afirma Adriana de Barros Rabello. O parque foi criado pelo Decreto 12.249, de março de 1990. Adriana explica que a creche atende a crianças de mães carentes do Gama, Samambaia, Riacho Fundo e Paranoá, que trabalham no Plano Piloto. São diaristas, domésticas ou manicures.

O campo de futebol deve ser removido hoje, na segunda etapa da operação. "Não tem sentido deixar esse campo no meio do parque. Nunca teve autorização para ser construído", afirma o secretário Antônio Barbosa. O advogado da Faculdade Alvorada, Marco Antônio Carvalho de Souza, admite que o campo está fora do terreno particular, mas alega que a poligonal do parque não está também delimitada.

"Por isso, é prematuro afirmar que o campo é uma invasão do parque. Mas, se estiver mesmo dentro do parque, não vamos nos opor.



Não temos interesse de prejudicar o Distrito Federal", diz. Marco Antônio lamenta que a destruição do campo impedirá a continuidade do Projeto Recriarte, do Colégio Alvorada. "Sábados, domingos e feriados, o campo é utilizado pela comunidade."

BARRACO DA Matriarca

Apesar do choro e dos palavrões, a remoção de barracos no parque foi pacífica. Nem as famílias antigas, que moravam há mais de 30 anos na área, tiveram seus barracos poupadados. Com os móveis amontoados no terreiro e os dois filhos desabrigados, a baiana que passou a infância em Caracol, Piauí, soluçava. Andrei, o maiorzinho, de sete anos, gripado e com febre, passou o tempo que pôde encostado à porta do barraco, onde sempre viveu. As lágrimas escorriam pelo rosto ressecado.

"Não sei para onde ir. Meu marido tem uns parentes em Samambaia e no Recanto das Emas. Mas a gente não pode chegar lá assim, de uma hora pra outra, sem avisar", explicava a mulher, de 28 anos, que sobrevive da venda de pastéis no portão principal do UniCeub (Centro Universitário de Brasília). Nora de dona Francelina da Costa, a matriarca de 51 anos de idade, 34 dos quais morando no parque, Sílvia achou que teriam direito de posse da chácara.

Por isso, o barraco era bem cuidado, da melhor maneira que a pobreza permitia. O chão era de cimento verde, limpo. A energia elétrica, de gambiarra, permitia o funcionamento da geladeira, da televisão colorida e do som de CD. E o celular tirava-os do isolamento no meio do mato. Mas todos os cinco barracos dos filhos casados de dona Francelina, construídos na invasão transformada em chácara, foram demolidos.

"Esses homens do governo parecem uma tropa de destruidores", desabafou a matriarca, enquanto carregava um empilhado de livros e revistas para o terreiro. O seu barraco era o próximo a ser derrubado. "Mas chorar eu não choro. Tenho Deus no coração e algo melhor acontecerá na minha vida", conformou-se a evangélica, da Igreja dos Mormons. A megaoperação continua hoje.